

O valor criativo do envelhecer¹

Michele Melo Reghelin²

*“Desejo que você, sendo jovem,
Não amadureça depressa demais,
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e
É preciso deixar que eles escorram por entre nós”.*
(Victor Hugo)

Ao chegar à idade madura, foi necessário passar por diversas etapas da vida na qual cada uma foi responsável por contemplar novas aquisições no modo de pensar, agir e se comportar, tudo isso com o intuito de possibilitar a criação e a invenção. Cada vínculo foi construído a partir das experiências vividas e em cada etapa de transição foi aberta uma possibilidade para encarar o mundo de uma forma menos egocêntrica, oportunizando um reexame dos pressupostos e a admissão de novas tarefas (Bee, 1977). Para isso, o estabelecimento de etapas como infância, adolescência, maturidade e velhice tem por objetivo ajudar na elaboração simbólica de um processo biológico imutável, sendo influenciados pelos aspectos culturais e das características históricas do seu povo (Maffioletti, 2005). É possível então, falar em “melhor idade”?

A criação da terceira idade (a partir dos 65 anos) objetiva apagar a idéia da perda, da doença e do sofrimento, em detrimento a uma imagem de uma idade de prazeres possíveis (Maffioletti, 2005). Juntamente com esta ideia do “jovem da terceira idade”, recai sobre ele, o velho, uma exigência de que deva cumprir uma demanda social para não seja excluído da comunidade. Fica implícita a ideia de submissão do velho ao jovem na qual “é possível envelhecer sem velhice” (Maffioletti, 2005, p.8).

Nossa sociedade, *fast*, que valoriza a competitividade e o novo, tende a não poder oferecer o amparo necessário, acabando por enaltecer o medo de envelhecer. Torna-se imprescindível então, “correr atrás da máquina”, igualando-se a ideais muitas vezes inatingíveis, deixando de lado o seu próprio jeito de ser. Em um mundo onde os

¹ REGHELIN, M. M. ; OUTEIRAL, J.O. ; ZART, M. . O valor criativo do envelhecer. In: José Outeiral, J. Zart, M. Amaral, J.F. do., Pinheiro Jr., F. H. (Org.). Winnicott: Seminários Cearenses. Winnicott: Seminários Cearenses. 1ed.São Paulo: Zagodoni Editora, 2012, v. , p. 156-159.

² -Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Especialista em Teorias e Psicoterapias Psicanalíticas da Infância, Adolescência e Adultos (Contemporâneo Instituto de Psicanálise). 2012.

realities shows comandam o cotidiano dos lares sobrevivem apenas o mais aptos, (Bauman, 2004).

O ambiente pode ser definido então, como uma sociedade na qual seus integrantes são descartáveis quando não trazem mais benefícios e quando o passado do indivíduo não possui valor. *“Onde o corpo do velho não encontra mais lugar e onde não recebe o olhar a fim de sustentá-lo e sim de destruí-lo, tornar-se velho acaba por ser um desafio”* (Maffioletti, 2005). E através dessa nova adaptação de papéis impostos pela coletividade, na qual os velhos devem ser jovens e belos, abre-se espaço para que sejam dominados por situações onde se sintam inúteis e incapazes, perdendo o seu valor criativo.

No entanto, tanto na obra de arte ou em uma realização intelectual, nada perde seu valor devido à limitação temporal, refere Freud (1915). Ao questionar a guerra, ele postula que após findar o luto pelas perdas, o conceito de civilização não foi perdido com o reconhecimento da sua fragilidade, e tudo pode ser reconstruído, em um terreno mais firme e de forma mais duradoura. Fazendo uma alusão à velhice, é possível dizer que ainda que se viva perdas, jamais se perde a capacidade de estimar. *“O valor de toda beleza e perfeição é determinada somente por sua significação para nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta”* (Freud, 1915, p.318).

Diante disso, espera-se que o sujeito viva mais experiências para lidar, de forma criativa e madura, com os obstáculos que a vida impõe. Para isso é fundamental se deparar com as conquistas adquiridas, as frustrações oriundas do crescimento, os enganos cometidos além das metas ainda não atingidas, de modo a compreender a vida no seu sentido mais amplo sem se lamentar ou se culpar, para poder encontrar o que há de mais verdadeiro: o self.

Estar vivo é uma proposição universal na qual é preciso transpassar gerações através da herança cultural, *“se tivermos um lugar para guardar o que encontramos”* (Winnicott, 1971, p.138). A cultura só tem sentido se for possível integrar a originalidade e a utilizar com inventividade, o que alude à separação e a união e faz com que as experiências transcendam a existência pessoal e propiciem a continuidade da vida humana. Ademais, a experiência cultural tem ligação direta com o brincar e, conseqüentemente, com os estágios primitivos de existência, onde reside o espaço potencial.

Este mesmo espaço, campo de interação e confiança entre o meio ambiente e o ser humano, é a base para experiências de vida e da cultura na qual, a partir do uso dos objetos reais, o bebê pode viver criativamente. Assim, é possível afirmar que a melhor idade é aquela que permite o “brincar” e nesse sentido, Gardner (1996) aborda que uma característica da criatividade consiste em poder unir os aspectos infantis e adultos do ser humano de forma a refletir na sua personalidade, ideia, comportamento ou trabalho. O autor ilustra isso através de personalidades que de alguma maneira preservavam esta ligação. Freud, por exemplo, investigou a infância durante toda a sua obra; Stravinsky compunha harmonias e ritmos primitivos que os impressionou durante a sua infância; Eliot gostava de enigmas e escrevia versos destinados às crianças; Einstein tinha a mesma curiosidade das crianças em relação aos mistérios do universo; Picasso além de ser brincalhão utilizava o papel como experiência visual...

A partir dessa troca entre o brincar e o ambiente, o brincar e o corpo-organização única que constitui cada ser – é possível se inscrever em outros domínios como criador desses lugares e como decifrador da natureza, que o inspira e o provoca à invenção se representando na sua história (Py e Scharfstein, 2001). Através dos acontecimentos da vida, sua existência lhe é conferida criando uma imagem de si para se reencontrar nela ao longo da vida e sobrevivendo assim às transformações sofridas no corpo (Sathler e Py, 1990).

Sendo assim, a chegada da morte pode se revelar de modo natural, como uma tela, que após diversas sobreposições de tintas, toma novas cores e formas, adquirindo diferentes belezas e despertando outros olhares sobre antigas e ocultas pinceladas. O sucesso do envelhecimento, portanto, jamais pode ser reduzido à quantidade de anos que ainda podem ser vividos, e sim, à qualidade dos anos que ainda podem ser experimentados. E isso só será possível se houver alegria (Bee, 1997).

Referências

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira*. (Vol. XIX, pp 313-319). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

- Gardner, H. (1996). *Mentes que criam: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maffioletti, V. L. R. (2005). Velhice e família: reflexões clínicas. *Psicologia: ciência e profissão*. 25 (3), 336- 351.
- Py, L., & Scharfstein, E.A. (2001). Caminhos da maturidade: representações vivências dos afetos e consciência da finitude. Em A.L. Neri (Org.). *Matu velhice: trajetórias individuais e socioculturais* (pp.117-150). São Paulo: Papirus.
- Sathler, Julieta., & Py, Lígia. (1990) *O corpo e o tempo: o corpo da mulher idosa*. Simpósio internacional de geriatria e gerontologia social tradição e modernidade na vida da mulher idosa. Rio de Janeiro, set.
- Winnicott, D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.